



Revista PsiPro
PsiPro Journal
1(2): 99-106, 2022
ISSN: 2763-8200

Artigo

AUTOMEDICAÇÃO POR FAMILIARES E RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS

SELF-MEDICATION BY FAMILY AND GUARDIANS OF CHILDREN

Recebimento do original: 11/10/2022
Aceitação para publicação: 19/10/2022

Karisia Caldas Tavares

Mestre. Docente Unifap/CE. Email: karisiac@hotmail.com

Anna Clara Silva Torres, Ivna Karolina Carvalho de Oliveira, Maria Adriely Ribeiro da Silva, Tainá Martins Xavier, Claudiana Batista do Nascimento, Janaína Rodrigues dos Santos, Maria de Fátima Araújo Silva, Mirla Yorrana Dias Moreira

Discentes da Unifap/CE

RESUMO: A automedicação é definida como a utilização de fármacos sem prescrição, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou mesmo de promover a saúde, independente da prescrição. Tal fenômeno tem implicação importante para crianças, nas quais o cuidado é exercido por seus responsáveis. O foco em crianças se justifica por ser o grupo mais vulnerável a intoxicações por medicamentos, o que evidencia a importância de uma gestão responsável e da necessidade de disseminação de informações. Objetivou-se assim conhecer o perfil de automedicação em crianças, por seus familiares e/ou cuidadores através de uma revisão narrativa utilizando como fonte de pesquisa o *Electronic Library Online* (SciELO) e Google acadêmico. Com os estudos



encontrou-se uma média de prevalência de automedicação, caracterizando um processo que ocorre rotineiramente nas casas. Os medicamentos mais utilizados são os analgésicos/antipiréticos, antiinflamatórios não hormonais e os expectorantes com ação sobre aparelho respiratório. As condições clínicas mais relatadas foram: infecções respiratórias e febre.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação, Pediatria, Educação em Saúde.

ABSTRACT: Self-medication is defined as the use of drugs without a prescription, with the aim of treating or relieving symptoms or even promoting health, regardless of prescription. This phenomenon has important implications for children, in whom care is exercised by their guardians. The focus on children is justified because they are the most vulnerable group to drug poisoning, which highlights the importance of responsible management and the need to disseminate information. Thus, the objective was to know the profile of self-medication in children, by their families and/or caregivers through a narrative review using the Electronic Library Online (SciELO) and Google academic as a research source. With the studies, an average prevalence of self-medication was found, characterizing a process that routinely occurs in homes. The most used drugs are analgesics/antipyretics, non-hormonal anti-inflammatory drugs and expectorants acting on the respiratory system. The most reported clinical conditions were: respiratory infections and fever.

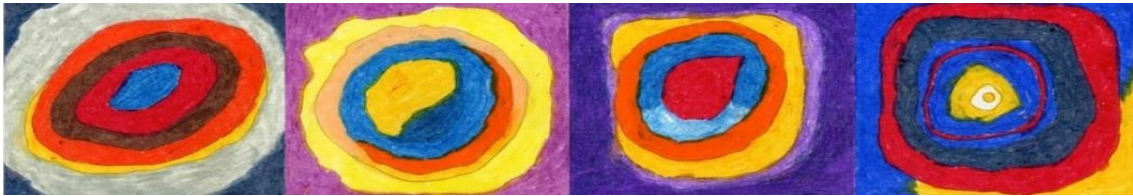
KEYWORDS: Self-medication, Pediatrics, Health Education.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Introdução

A automedicação é definida como a utilização de fármacos sem prescrição, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou mesmo de promover a saúde, independente da prescrição. Quando



inadequadamente praticada, a automedicação pode afetar as interações medicamentosas, efeitos adversos, risco acrescido de intoxicação ou interpretação incorreta dos sintomas, com conseqüente acréscimo de custos de saúde, atrasar ou dificultar o diagnóstico e a terapia terapêutica correta da doença (BELO et al, 2017).

Tal fenômeno tem implicação importante para crianças, nas quais o cuidado é exercido por seus responsáveis. Peculiaridades fisiológicas e farmacocinéticas nessa faixa etária se modificam ao seu desenvolvimento e tornam as crianças mais susceptíveis aos efeitos nocivos dos medicamentos. Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINTOX), mais de 20 crianças por dia são vítimas de intoxicações, conseqüência do uso inadequado de medicamentos, fato que é indicador de que seus pais não têm informações quanto a dosagem e o armazenamento adequado dos medicamentos, o crescimento de informações via internet induzem aos pais a automedicar os seus filhos, resultando assim uma intoxicação intencional ou acidental (SANTANA, BOCHNER & GUIMARÃES, 2011).

Crianças são um grupo de consumidores de medicamentos em potencial, devido à frequência com que adquirem doenças (DU Y, KNOPF H., 2009). Diversos estudos brasileiros mostram associação entre maior número de consultas médicas e o uso de medicamentos (SANTOS, BARRETO & COELHO, 2009, ARRAIS, BARRETO & COELHO, 2005).

Nesse contexto, buscamos com esse trabalho analisar as evidências científicas publicadas na literatura sobre o processo de automedicação por responsáveis das crianças e assim conhecer o perfil da automedicação em crianças, por seus familiares e/ou cuidadores. O foco em crianças se justifica por ser o grupo mais vulnerável a



intoxicações por medicamentos, o que evidencia a importância de uma gestão responsável e da necessidade de disseminação de informações.

Metodologia

O presente artigo trata-se de uma revisão narrativa. A identificação dos artigos foram feitas através de pesquisas no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google acadêmico, utilizando os seguintes critérios de inclusão: artigos originais fidedignos com o tema proposto, no idioma português abrangendo artigos publicados entre o ano de 2005 a 2022.

Para os critérios de exclusão: artigos não condizentes com o tema, publicações de anos anteriores. A pesquisa foi realizada no mês de junho de 2022 e utilizou os descritores: automedicação e pediatria e o operador booleano AND.

Os dados foram examinados em três etapas:

- Primeira etapa: verificação de artigos nas bases de dados, que possuem em seu título e resumo as palavras chaves e os termos livres referentes ao assunto abordado e exclusão dos que não se enquadram nos critérios de inclusão.
- Segunda etapa: seleção dos quais se enquadram nos critérios de inclusão para uso na pesquisa.
- Terceira etapa: leitura na totalidade dos artigos e seleção dos que apresentam o assunto apropriado para esta pesquisa.

Resultados e Discussão

Com a pesquisa dos artigos relacionados ao tema proposto, foi possível selecionar um total de 7 artigos que atendiam a todos os



critérios e apresentavam o objetivo definido pelos autores. Foi identificado uma quantidade significativa de estudos disponíveis na literatura com o fim de quantificar os índices de automedicação em crianças pelos seus responsáveis por consequência do uso de fármacos sem orientação.

Em pesquisa realizada por BECKHAUSER et al (2010) com crianças cadastradas em uma Equipe de Saúde da Família (ESF) no sul do Brasil, revelou que a automedicação é mais comum entre crianças menores de sete anos e realizada por suas mães em 95% dos casos. Além disso, crianças nessa faixa etária estão mais propensas a desenvolverem pequenos problemas de saúde, em especial, transtornos respiratórios como resfriado, febre, garganta inflamada e ficam mais sujeitas à prática de reutilização de medicamentos por seus responsáveis (TOURINHO et al, 2008).

Com base no estudo realizado por BECKHAUSER et al, as classes de medicamentos mais utilizadas na automedicação em crianças são os analgésicos e antitérmicos, sendo que 75% são representados pelo paracetamol, 45% pelo dipirona, apenas 6% pelo Ibuprofeno e 3% pelo ácido acetilsalicílico. Esses dados também são confirmados em outro estudo em Minas Gerais que descreveu que as principais classes envolvidas na automedicação foram os apontou que a dipirona (54%) e o paracetamol (36%) são os medicamentos mais utilizados, seguidos dos xaropes expectorantes (22%) (TELES FILHO & PEREIRA JÚNIOR, 2013).

Para Urbano et al (2010), os responsáveis adquiriram um costume típico de suspender o tratamento farmacológico quando analisam uma melhora no quadro clínico da criança, fazendo com que isso ocasione em uma patologia mais grave. Apenas 51% dos responsáveis afirmaram que só suspendem a medicação após o final



do tratamento, e os demais, cerca de 49% afirmam que suspendem o tratamento quando percebem uma melhora no quadro clínico.

De acordo com os estudos foi observado que cerca de 51% da automedicação dos medicamentos está relacionada com indicação dos pais, e apenas 20,1% por profissionais farmacêuticos, 15,3% com prescrições médicas antigas para a criança ou outro membro da família e 1,8% por influência da mídia. Os resultados do estudo confirmam, que a prevalência da automedicação em crianças e adolescentes é uma prática real e frequente, independente do nível socioeconômico (GOMES, 2000).

Em Alves et al (2021) um dos fatores explicados pelos responsáveis para recorrerem a automedicação é o fato das crianças não saberem expressar-se com exatidão com relação a dor com isso, os pais baseando-se no empirismo, administram o medicamento como medida de testagem resultando em interações medicamentosas, efeitos adversos ou até intoxicações pelas doses (ALVES et al, 2021).

Com base no estudo realizado por Telles Filho & Pereira Júnior (2013) 30% dos entrevistados responderam que praticam a automedicação com a justificativa do "corpo já está acostumado" e 24% relatam que por já terem o medicamento em casa também compactuam com a ideia.

Além disso, foi possível elucidar que a educação em saúde é uma ferramenta poderosa para evitar a prática. Pois em testes feitos em Campina Grande - PB, através de rodas de conversas sobre a automedicação, foi visto que a maioria era adepta a automedicação, porém não sabiam os riscos que causavam. Contudo, se mostravam interessados em adquirir a educação e o autor concluiu que com as reflexões deixadas para a comunidade, as automedicações seriam reduzidas (SILVA, 2018).



Conclusão

Com os estudos encontrou-se uma média de prevalência de automedicação, caracterizando um processo que ocorre rotineiramente nas casas. Os medicamentos mais utilizados são os analgésicos/antipiréticos, antiinflamatórios não hormonais e os expectorantes com ação sobre aparelho respiratório. As condições clínicas mais relatadas foram: infecções respiratórias e febre.

No Brasil, a automedicação se classificou como um caso de saúde pública grave, no qual atinge de forma direta o público pediátrico, que deveria ser mais assistido devido às suas peculiaridades como organismo infantil e os riscos à intoxicação medicamentosa. O uso de medicamentos sem prescrição médica apresenta uma série de riscos, independentemente da idade e de quem está fazendo o seu uso.

A automedicação é portanto uma prática comum e pode se tornar perigosa, sendo necessária a implementação de estratégias como educação em saúde a fim de intervir na descontinuidade insegura dessa prática, discutir mais acerca da temática atuando junto às famílias para orientar e evitar seu uso ou minimizar seu risco.

REFERÊNCIAS

Alves , J. C. M. .; Magalhães, E. Q.; Rodrigues Junior, O. M.; Child selfmedication caused by parents in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. e581101523443, 2021.

Arrais, P.S; Brito, L.L; Barreto, M.L; Coelho, H.L. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cad Saude Pública**. v.21, n.6, p.1737-46. 2005.



Beckhauser, G.C.; Souza, J.M.; Valgas, C.; Piovezan, A.P.; Galato, D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**. 2010.

Belo, N.; Maio, P.; Gomes, S.(2017). **Automedicação em idade pediátrica**. Jornada Médica de nascimento e crescimento (NASCER E CRESCER).

Du Y, Knopf, H. Self-medication among children and adolescents in Germany: results of the National Health Survey for Children and Adolescents (KiGGS). **Br J Clin Pharmacol** 2009;68:599-608.

Gomes, M.F.S. (2000). **Estudo da automedicação infantil em uma região administrativa no município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Paulo, L.G. & Zanine A. C. Automedicação no Brasil. **Revista da Associação Médica Brasileira**, 1988.

Santana, R. A. L.; Bochner, R.; Guimarães, M. C. S. Sistema nacional de informações tóxico-farmacológicas: o desafio da padronização dos dados. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(1), 1191-1200.(2011)

Santos, D.B.; Barreto, M.L.; Coelho, H.L.L. Utilização de medicamentos e fatores associados entre crianças residentes em áreas pobres. **Rev Saúde Pública** 43(5):768-78. 2009.

Silva, Allan Batista (2018). **Educação em saúde sobre automedicação: um relato de experiência**. Anais III CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora.

Telles Filho, P.C.P, Pereira Júnior, A.C. Selfmedication in children from zero to five years: farmacos managed, knowledge, statement and background. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. 2013.

Tourinho F.S.V., Bucaretti F., Stephan C., Cordeiro R. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**. 2008.

Urbano, A. Z. R.; et Al. Automedicação infantil: O uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e São Vicente. **Rev. Ceciliansa**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 6-8, Dez. 2010.